

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܐ

SÃO PAULO - AGOSTO/2015

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO	1
UM TEMPO A DEUS	2
A ORAÇÃO	4
RITUALÍSTICA	5
NOSSO PATRIMONIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO	7
NOTÍCIAS DA COMUNIDADE	9
CULTURA ORIENTAL - HISTÓRIA DA RIMA	10
SÁIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS	14
TEXTOS EM ARAMAICO	17- 20

ORAÇÃO INICIAL

No sono cheio de tranqüildade

(*uavëxentho dêmaliô xáino*)

No sono pleno de tranqüilidade
Por toda a noite me conduza,
Para que se não apoderem de mim os
maldosos ¹
E os pensamentos cheios de iniquidade.

Dá-me um anjo de luz
Para proteger-me por inteiro ²,
E do desejo ardiloso salva-me
Por Teu Corpo Vivo que ingeri ³.

E quando se aquieta meu corpo e durmo
Que Tua energia seja minha guardiã,
E qual aroma de incenso se eleve
Meu sono perante Tua grandeza.

.....
¹ em aramaico equivale a demônios;
² em aramaico significa membros, órgãos
³ refere-se ao Pão Consagrado da missa.

(*Oração de Santo Êfrem, o siríaco – sec. IV – extraída de Kinotho – Kirchliche-Hymnen- Bar-Hebraeus Verlag- Holland -1993*)

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

(por ausência do sacerdote, atualmente, somente há orações no 2º e 4º domingo de cada mês).



Mosteiro de São Tiago do Extremo (1.170 d.C.)
– Beth Debe - Tur Abdin /Turquia

ܘܒܝܠܘܢܘܬܐ ܘܡܝܢܘܬܐ ܘܡܝܢܘܬܐ (ܐܡܘܢܐ) -
ܘܚܘܒܐ ܘܚܘܒܐ ܘܚܘܒܐ.

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout - Camila Sowmy
Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

O TEMPO A DEUS

Há século e meio, a rotina do ser humano era diferente da que é hoje. Há um século e meio, poucas pessoas viviam nas cidades. Quase 90% da população do mundo vivia no campo, na divisão conhecida como zona rural. Desses, quase 70% realmente viviam na zona rural contudo, havia os que viviam nas selvas como os indígenas do continente americano que não haviam se aculturado ao modo de viver do homem branco ou também os aborígenes do continente australiano bem como as diversas tribos de africanos e havia, finalmente, os anadrilhos beduínos conhecidos como tribos árabes.

Para todos esses 90% da população, o tempo passava lentamente e corretamente, isto é as horas iluminadas do dia eram percebidas em sua magnitude assim como as horas escuras da noite tomavam seu tempo para passar. O ser humano, nessa época, vivia a plenitude da parte iluminada, vivia consciente em parte da noite e dormia até as horas da madrugada que antecediam o raiar do sol.

Os outros 10% já ensaiavam o que hoje nós sentimos. Despertavam antes de o sol raiar, faziam seu desjejum e saíam para trabalhar nas fábricas, no comércio e nas repartições públicas ou em outras partes dos serviços citadinos. Isso fazia com que muitos trabalhassem 14, 15 ou até 16 horas em cidades como Londres, Paris, Berlin etc e como o deslocamento era a pé ou em veículos por animais através de ruas e vielas estreitas, acrescia-se às 14 horas mais um período de transporte que alcançava uma hora.

Na Europa, América, Austrália, África e Oriente Médio, nas cidades, trabalhava-se de segunda a sábado, pois o domingo era dia de missa (nos países dominados pelo islão, em vez do domingo, os islâmicos paravam o trabalho na sexta-feira até o meio-dia). No campo poderia ser um pouco diferente. Para o grupo que criava animais, o trabalho no domingo era após o retorno da missa. Quando era época da colheita, domingos havia em que os homens da família não iam à missa, pois poderiam perder a colheita; assim, em famílias com muitos homens, havia um rodízio de trabalho entre eles de tal forma que um grupo pudesse ir à missa num domingo e no subsequente, uma outra parte iria à missa.

Essa harmonia no viver foi mantida até o aceleração da era industrial, entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX. Após o término da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) essa ordem começou a ser modificada. Veio a aceleração das descobertas e inventos científicos e tecnológicos que auxiliaram o ser humano a produzir mais alimentos no campo, a debelar doenças através de novos medicamentos, produzir materiais diferentes e o tempo já não mais era medido nas mesmas unidades dos sumérios e assírios: em dias, luas ou meses e anos nem tampouco nas menores unidades que eram a hora, o minuto e o segundo.

Na última metade do século XX, o homem desceu sua contagem normal até décimos e centésimos de segundo e cientificamente até milionésimo de milionésimo de segundo. Como prova disso, basta olharmos os resultados dos tempos das corridas de automóveis, a diferença entre o primeiro colocado e o segundo colocado já não é mais dado somente em segundos, porém até a segunda casa decimal ou seja centésimo de segundo ou dezena de milésimo de segundo, medida essa conhecida como milissegundo.

Com toda essa pressão do tempo o ser humano desenvolveu alguns hábitos e características que anteriormente não existiam; passou a ter um refúgio na bebida alcoólica e no fumo, perdeu a harmonia na arte e passou a dançar sem centro de simetria, a cantar somente pela batida do ritmo sem melodia e passou a desenvolver doenças estranhas, como a síncope cardíaca, o câncer etc.

Acima de tudo, passou a deixar de lado o respeito pelo próximo e a adoração a Deus; tudo em nome do tempo. Não há mais tempo para parar e falar com seu vizinho ou com seu parente, cada fração de segundo que lhe sobra deve preenchê-la com algum afazer.

Antes, visitava os amigos e familiares ou os via após a missa na igreja e podia passar muitos minutos falando, trocando idéias ou dando informações sobre outros amigos e parentes que estavam distantes. Hoje, ele toma seu telefone celular (*smartphone*) envia um SMS ou uma mensagem via algum aplicativo, num linguajar reduzido a partes de sílabas ininteligíveis e agrega-se-lhes um desenho estilizado (*emoticons*) e padronizado por alguém a 30 ou 50 mil quilômetros de distância e ainda ri do que enviou

O TEMPO A DEUS

CONTINUAÇÃO

ao amigo que está a menos de 100 metros de distância. Pronto! Fez seu dever social!

Quando é com Deus, aí sim.....tudo piora! Ele já não precisa mais de Deus, a emissora de rádio ou televisão ou ainda o noticiário da internet lhe dá a sensação que tudo está sob controle com a mais nova descoberta da vacina contra a doença da moda; há 30 anos era a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), depois vieram outras que estão no mundo há décadas e sempre há declarações de cientistas de que falta pouco para se concluir a pesquisa e patentear a vacina que salvará milhões de pessoas todo ano. Só que o tal medicamento ou a tal vacina.....nunca chega.

Assim, o novo deus passa a ser a informação e o seu meio de propagá-la, seja ela a emissora de TV ou o canal da internet, só que estes estão sempre lucrando com a propaganda vendida no tempo.

Assim, o ser humano passa a trabalhar mais, desfrutar menos do companheirismo, do amor para com o próximo e do próximo. Vai aos sobressaltos e tropeços na vida, até que um dia, chega o fim dele nessa terra, sem que perceba que passou por essa vida e nada fez porque alimentar-se e dormir, todos os animais o fazem. Que lembranças deixará esse ser humano quando sair dessa vida?

Por isso, cantava o grande poeta do século IV, Efrem, o siríaco (em aramaico: mor **afrem danes** -

sebin):

Não se apresentam os humanos à oração
 Como se apresentam ao trabalho
 E não gostam das palavras dos livros
 Como as palavras vãs;
 Abandonam a oração e a súplica
 Que ajuda a alma e o corpo
 E saem a vagarear pelas ruas
 E se acontecer
 E a morte vier,
 Cessa repentinamente
 O voltar atrás!

Vem-nos, subitamente à mente um pensamento: das **168 horas** que há numa semana, seria muito dedicarmos **somente uma hora a Deus?**

Seria muito dedicarmos uma hora por semana para rezarmos e cantarmos ou ouvirmos os cânticos na igreja? Passaríamos mal se esquecêssemos as preocupações do trabalho ou o corre-corre de todos os dias? Seria muito dedicarmos uma hora para contemplação e reflexão? Seria muito, após a missa, dedicarmos 30 minutos para nos encontrarmos pessoalmente com amigos e familiares, na igreja?

Traduzido tudo isso ao linguajar científico-matemático que o ser humano tanto idolatra, a pergunta é: seria muito dedicarmos 0,89% do tempo de uma semana para Deus e para os amigos?

Palavras da Bíblia

Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada e cujos pecados são cobertos .

Bem-aventurado o homem a quem o Senhor Deus não imputa seu pecado e em cujo coração não há traição.

Porque guardei silêncio, envelheceram os meus ossos enquanto eu bramava por todo o dia.

Salmo 32

A ORACÃO - VI

Neste número vamos entender o que o grande mestre da Igreja de Antioquia, Tiago de Serug (em aramaico: **mor Ya'aqüb da Serug**) nos ensina sobre a oração. Uma verdade curta e simples, uma verdade limpa de qualquer filosofia complexa, ainda assim, uma verdade contundente.

Antes de verificarmos a sua preleção sobre a oração, lembremo-nos que Tiago de Serug nasceu em 451 d.C. e faleceu em 521 d.C. na cidade Kurtam, às margens do rio Eufrates, na província de Serug (hoje Süruç na Turquia). Após estudar na famosa universidade de Urhoi, cidade que os romanos conheciam por Edessa (hoje Sanli-Urfa na Turquia), trabalhou nas igrejas da zona rural de Haura. Em 503 d.C. a cidade de Amid (atual Deirbekir, na Turquia), uma metrópole da Mesopotâmia, totalmente habitada por assírios cristãos (todos adeptos da Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia) e naquela época, em teoria, essa cidade de Amid que deveria ser defendida pelos bizantinos, porém, caiu cativa dos persas e muitos cristãos puseram-se a fugir. Tiago, então tomou uma medida corajosa, incentivou os cristãos a ficarem em Amid e defenderem-se dos persas. Por fim, dois anos depois, em 505 d.C., os persas viram-se obrigados a sair de Amid.

Tiago foi ordenado bispo para Batnan, capital de Serug e lá ficou até terminar sua vida. Contam-se quase 700 escritos filosóficos e poéticos seus, porém somente 240 foram publicados de forma sistemática; os demais estão distribuídos em dezenas de hinários e outros livros nas igrejas orientais e nos museus na Europa, ainda por publicar.

Seguindo a linha de divulgação do conhecimento que vinha na Igreja de Antioquia, isto é, quanto mais se divulgasse um conhecimento, maior a chance de o conhecer e estudá-lo e ainda, menor seria a probabilidade de se perder tal conhecimento, pôs então Tiago, para trabalhar sob sua orientação 70 escribas, para copiar suas cartas e poemas e enviá-los a todos os párocos de sua diocese e também para bispos de outras dioceses. Essa técnica de reprodução e divulgação era típica dos reis assírios que mandavam copiar parte de seus obeliscos para outros obeliscos a fim de distribuí-los por todo o império, para que divulgassem seus feitos e também para que se não perdessem da memória dos homens, isso, desde antes do nascimento de Cristo em muitos milênios.

Quanto à oração, eis o ensinamento de Tiago de Serug em uma de suas orações:

“Prece é a arma com a qual se enobrecem todas as pessoas diligentes e aos diligentes se lhes é solicitada no momento da batalha, por isso moldou-a e purificou-a o Filho de Deus para que com ela se armassem os servos do Rei em suas batalhas.”

Oração é uma arma que deve ser levantada no momento da luta contra o pecado e a perversidade e para isso, o próprio Cristo, Filho de Deus moldou-a para que pudéssemos empunhá-la nesses momentos difíceis, para que não nos sentíssemos sós mas amparados por Deus.

Observemos a profundidade cristalina desse pensamento: “quando nos sentirmos sós e sem força para enfrentar a maldade devemos usar a arma que Cristo nos preparou, a oração, e com ela estaremos aptos a continuar a nossa luta. Então, já não estaremos mais sós e desamparados; na oração, Deus estará conosco!”.

Significado de Nome

O nome Manoel (também escreve-se Manuel) é uma modificação do nome Emanuel que por sua vez provém do aramaico Amanuel. Como todos os nomes orientais, esse também possui um significado. Amanuel é composto por três palavras: **a'aman+huo+el = conosco+está+Deus**. É assim que o profeta Isaías chama a Jesus Cristo.

Leitura recomendada:- Isaías, capítulo 7

RITUALÍSTICA - A CORTINA (PARTE I)

Na Igreja de Antioquia, a cortina possui um papel especial no desenrolar de determinados rituais. Consideremos o ritual da Missa Sagrada.

Em três momentos diferentes da Missa Sagrada, a cortina do altar principal é fechada. Cada um desses movimentos possui sua razão de ser e deve ser executado com atenção clara e movimento suave para que não atrapalhe as orações dos presentes, do sacerdote, dos diáconos e do povo em geral.

O fechamento da cortina ocorre antes do início da Missa, quando o sacerdote se dirige ao púlpito do Evangelho que está posicionado na frente do centro (mediatriz) da cortina, dividindo o “ante-altar” em duas metades iguais, a do Norte e a do Sul.

O sacerdote faz suas preces e em seguida dirige-se para dentro do altar, a cortina é fechada e ele inicia os preparativos da Santa Oferenda.

Quando inicia a Santa Missa, com a declaração de fé de São Severios, declaração essa que inicia por:

“Pela oração de Maria que Te deu a luz e de todos Teus santos que Te exaltam...” (em aramaico: **badSēluth emo dyiletokh uadhēkhulēhun qadi-xaik eramermokh...**) a cortina é aberta.

A cortina permanecerá aberta até a benção que o sacerdote dá a todos os presentes, em seguida ela será cerrada quando inicia a litania universal (em aramaico: **qatulyiqy**). Enquanto os fiéis cantam a litania universal, o sacerdote quebra o pão em forma de cruz e o apresenta a Deus para depois o embebedar no vinho, cumprindo exatamente o que Jesus mandou, preparando então a Santa Comunhão que será posteriormente ofertada aos fiéis que comungarão. Na Igreja de Antioquia, todos os fiéis comungam sempre que há Missa. Terminada a litania universal (**qatulyiqy**) os diáconos entoam os solos de súplica em que pedem a Deus a paz às igrejas e conventos e mosteiros, aos monges e freiras, aos sacerdotes, aos pais biológicos, aos finados bem como pedem a intercessão da Virgem Santa Maria junto a seu Filho para que se compadeça de nós e finalmente

um diácono canta a súplica-exaltação à Santa Trindade (em aramaico o canto inicia por: **le laloho abo more kul naude**). Até aí, o sacerdote já terminou suas orações e também deverá encerrar o preparo da Santa Comunhão. Nesse momento a cortina é novamente decerrada.

Uma terceira vez é cerrada a cortina do altar-mor, após a homilia do sacerdote. Nesse tempo a igreja canta “as forças celestiais estão presentes conosco no recinto sacro...” (em aramaico: **hailauotho xēmaione qoimín a`aman beth qūdēxo**), o sacerdote redivide o pão em pequenos pedaços, embebeda-os no vinho e chama os diáconos para se comungarem, primeiro os que estão no lado Norte (à esquerda do sacerdote) e depois os que estão no lado Sul. Após todos os diáconos receberem a comunhão, o sacerdote clama: “Clamemos dizendo” (em aramaico: **nazē`eq Unimar**) e um dos diáconos responde: “Adordo e glorificado seja o Pai e o Filho...” (em aramaico: **zēghid uamēxabah...**) e a cortina é aberta para a saída do sacerdote com o cálice e a patena quando todos os fiéis perfilam para receberem a Eucaristia.

A cortina permanecerá aberta até a benção final que o sacerdote dá e inicia essa benção por: Ide em paz meus irmãos e amados... (em aramaico: **zelun baxlomo ahái u habibái...**).

Finalmente, após a benção tríplice final dos fiéis pelo sacerdote, a cortina será fechada para que o sacerdote faça o encerramento enquanto os diáconos cantam em modo antifono a declaração e súplica final de São Tiago de Serug (**mor Ya`aqūb dasserug**) que inicia por:

Aquele que temem olhá-Lo os que são feitos de fogo

No pão e vinho tu O vês sobre o altar

(em aramaico: **hau dēnurone zoiín mene danēhurun be; bēlahēmo u hamro Le hu hozet a'al futuro**).

Por que desse movimento de fechamento e decerração da cortina do altar-mor? O que significa?

É o próprio Tiago de Edessa (em aramaico: **mor Ya`aqūb dUrhoī**) quem nos esclarece. Como em outras eras, os nossos Patriarcas de Antioquia introduziram essa prática e a esclareceram, com o tempo os novatos foram deturpando o significado e os momentos da abertura e fechamento da cortina e foi então necessário que um mestre do século VII explicasse aos outros sacerdotes o que significava e quando se dava esse movimento. Para que tenhamos um enten-

RITUALÍSTICA

dimento claro desse movimento é preciso transportarmos-nos aos primórdios do cristianismo.

No início do cristianismo, na Igreja Primitiva, em diversos lugares do Oriente e na capital do Império Romano no Oriente isso é em Antioquia, muitas vezes os cristãos eram espionados pelos pagãos com o propósito de os governantes obterem informações sobre seus movimentos, suas aglomerações e assim certificar-se que não haveria revoltas; outra razão também fora porque muitas vezes os chefes dos pagãos acreditavam que havia magia por parte dos anciãos, dos presbíteros dos cristãos e então tentavam imitar os presbíteros cristãos e até chegavam a copiar as próprias palavras desses sacerdotes cristãos para enganarem o povo ou obterem vantagens materiais para si.

No início, para evitarem essas situações de perigo ou de engodo, os anciãos abriam e fechavam a porta principal da casa onde celebravam a comunhão. Em seguida, passaram a utilizar dois recintos, sendo uma ante-sala que dava para a rua e internamente uma segunda sala onde era celebrada a comunhão.

Nessa época, alguns servidores (diáconos – em aramaico: **mëxamëxone**) saíam para convidar os fiéis para o início da celebração. Vinham pessoas de toda espécie, crentes, não crentes, pobres, ricos, doentes, são, homens, mulheres, crianças etc. Então o sacerdote dava a benção para todos e dispensava os não crentes que deveriam sair. Em seguida, o sacerdote fazia uma segunda oração e novamente dava a benção para todos os que restaram, contudo dessa vez, ele ficava na sala interna e todos passavam por baixo de sua mão que ficava estendida e assim, a energia que vinha de Deus passaria para todos, pela imposição de mão (em aramaico: **siomido**). Fechava-se a porta interna, então o sacerdote e os diáconos

que lá estavam, oravam e preparavam o sacrifício do Corpo e Sangue de Cristo, porém, sem sangue, sacrifício esse dado pelo pão e vinho, conforme nos ensinou Cristo na **quinta-feira santa** anterior à **sexta-feira da paixão** na qual **Ele** fora crucificado e morrerá na cruz.

Abria-se então a porta da sala interna e o sacerdote oferecia o Corpo e o Sangue de Cristo, isto é, o pão e o vinho a todos os fiéis. Terminavam o sacerdote e os diáconos as orações e permaneciam no recinto interno, quando as portas eram fechadas e dava-se por encerrada a Santa Celebração.

Quando a comunidade de cristãos cresceu, esses cristãos do Oriente, não mais ligados à Cátedra de Jerusalém, cidade essa que havia sido destruída em 70 d.C. por Vespasiano, general romano, mas, desde então, ligados à Cátedra de Antioquia, adotaram a arquitetura dos templos orientais, dos templos assírios contudo, agora, em forma de cruz e, diferentemente dos templos judeus, o altar era voltado para a Mesopotâmia pois acreditavam que o Paraíso Terrestre fora lá plantado por Deus (Gênesis cap.2). Essa mesma arquitetura, de forma muito simplificada fora adotada pelo arquiteto Hirão (em aramaico: **híram** e nalguns escrito: **ahíram**) e sua equipe de construtores, vindos de Tiro capital da Fenícia e que construíram o templo para os israelitas, no tempo em que Salomão era rei (século X a.C.). Tiveram os israelitas que buscar um arquiteto fenício tirense pois eles, os israelitas, ainda eram tribos nômades e viviam em tendas e nada entendiam de arquitetura. Hirão então construiu o templo, segundo o padrão e estilo mesopotâmicos que predominavam na região.

Agora, com essa arquitetura mesopotâmica antioquina, havia apenas uma porta para o povo movimentar-se e o altar, quando era vedado aos olhos do povo, não mais seria por uma porta senão por uma cortina que era cerrada ou descerrada conforme a cerimônia evoluía.

Palavras da Bíblia

Por estes motivos, esforçai-vos quanto possível por unir à vossa fé a virtude, à virtude a ciência, à ciência a temperança, à temperança a paciência, à paciência a piedade, à piedade o amor fraterno, e ao amor fraterno a caridade.

Se estas virtudes se acharem em vós abundantemente, elas não vos deixarão inativos nem infrutuosos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

2ª Carta de São Pedro - cap. 1º

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO - EUROPA X BRASIL - 1ª Parte

Um dos problemas que nossas comunidades possuem e talvez o mais grave de todos, em nível mundial, é a preservação do seu patrimônio cultural. Tal patrimônio é formado pelas obras arquitetônicas, plásticas, sonoras, imagéticas e literárias bem como da composição entre essas artes. Vimos nos diversos números passados de Suryoye que esse nosso patrimônio foi dilapidado por fatores externos ou mesmo internos à comunidade siríaca que é composta por diversas etnias, sejam assírios, arameus, fenícios, há milênios e indianos e até chineses e japoneses em épocas não muito remotas.

Os fatores externos sempre influenciaram muito essa destruição do patrimônio cultural e social. No tempo dos romanos a causa era política pois os governantes romanos temiam que os povos do Oriente, onde se concentrava nosso maior patrimônio, pudessem rebelar-se contra o governo. Isso durou pouco pois logo descobriram que poderiam aprender muito mais com nossa filosofia do que as que eles portavam. Em seguida veio a destruição patrimonial causada pelas diferenças religiosas, tanto dos pagãos como o mazdaísmo dos persas como as próprias tentativas dos gregos (bizantinos) cristãos em reduzir o cristianismo oriental ao aristotelismo ou platonismo grego. Na esteira dessa destruição, o cálice das amarguras foi completado com o islamismo, dessa feita, uma filosofia social nômade do deserto da Arábia, chamado de islamismo, que tomava conta do oriente todo lutando contra o sedentarismo e essa destruição fora exacerbada mais ainda pelas tribos mongóis dos seljuques e otomanos que após o primeiro milênio da era cristã, dominaram desde a Áustria na Europa até a Mongólia na Ásia Central.

Os reflexos dessa filosofia social nômade é sentida até hoje com as revoltas dos fanáticos islâmicos por todos os países do Oriente, tal como sentimos em Tur Abdin há cem anos e continuou na Turquia até nossos dias e ainda hoje vemos perpetuar-se no Iraque e Síria. Lá, esses fanáticos queimaram igrejas (obras arquitetônicas) com suas pinturas e quadros, livros bíblicos, livros de orações e poesias dos primórdios do cristianismo (literatura), esculturas diversas (artes plásticas) isso desde 1915 (época chamada de Sayfo, em aramaico). O governo da república turca, que sucedeu o sultanato otomano, proibiu o ensino de aramaico e de música religiosa que não fosse islâmica e até mesmo danças folclóricas, para que se apagasse da memória do povo siríaco esse patrimônio cultural. Hoje, os fanáticos islâmicos na Mesopotâmia, além de expulsarem ou matarem os cristãos, ainda queimam e destroem com ferramentas modernas (britadeiras e martelinhos elétricos

ou hidráulicos) obras pré-cristãs, como estátuas (artes plásticas) ou palácios de reis assírios, babilônicos e outros, cuja existência permeia 4 mil anos ou mais.

Até aqui relatamos a destruição que vem de fora da comunidade; porém, involuntariamente, também internamente, provocamos uma destruição paulatina, momentaneamente imperceptível e que somente percebe-se que ocorrerá, talvez 50 ou mais anos depois que se iniciou.

Com as perseguições e genocídios a que somos submetidos, muitos de nossos mestres e sacerdotes migram para lugares diferentes e levam consigo parte de seu patrimônio cultural. Os que conhecem música e dança folclórica levam esse conhecimento consigo, os sacerdotes, levam livros impressos e muitas vezes manuscritos das igrejas onde serviam pois sabem que o fogo destruidor virá em seguida e tentam proteger esses livros, levam também seu conhecimento de música sacra e podemos dizer que até as mães levam consigo seu conhecimento culinário que é o que aprenderam com suas mães e avós e muitas famílias levam um dos maiores patrimônios do ser humano, a língua falada.

Se a imigração se der para um país onde se fala uma língua semita e onde há uma grande comunidade siríaca, lá radicada anteriormente, a perda será menor. Se por outro lado, a imigração for em direção a um país onde a comunidade siríaca é minúscula perante o povo daquele país, a perda será grande e em uma geração, perder-se-á algo como 80% do patrimônio cultural e social e em duas gerações, a extinção será próxima ou até mesmo de 100%.

Vamos ilustrar isso com dois exemplos. Imigração dos siríacos que se radicaram na Suécia e dos que vieram ao Brasil.

A imigração para a Suécia teve início na década dos anos 1960 -70. Foi provocada pela Turquia que por alguma razão que não discutiremos, fez com que houvesse uma migração em massa dos adeptos da Igreja Siríaca para a Europa. Ocorreu uma fuga em massa para a Europa Ocidental do Norte com preferência pela Suécia, Alemanha e Holanda. Hoje, há mais de 240 mil adeptos da Igreja Siríaca nesses países. A Suécia possui uma população de 8,5 milhões de habitantes dos quais, 140 mil declaram-se Siríacos (assírios, arameus, caldeus). Observemos que a maioria imigrara de Tur Abdin e depois da fronteira de Tur Abdin (sudeste da Turquia) com a Síria do Norte (Mesopotâmia). Nessas regiões, os adeptos da Igreja Siríaca falam o aramaico popular conhecido como "suroyo" ou "turoyo", além do turco (os que estão na Turquia) e o árabe (os que estão na Síria).

Apesar da condição social, nosso povo, nessas regiões (Turquia e Síria) já se preocupava com a preservação do

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO

patrimônio cultural e quando migrou, levou consigo tudo que poderia levar, culturalmente. Ao se radicar nesses países europeus, até mesmo porque fora auxiliado pelos governos locais, pois, fora considerado refugiado político-religioso, nosso povo procurou estabelecer redes de proteção social e cultural; assim, os imigrantes fundaram clubes sociais, esportivos, fundaram igrejas e instituições beneficentes sociais e também instituições culturais. Passaram a ensinar, mesmo que fosse em escolas comunitárias, subsidiadas pela comunidade, o idioma aramaico, tanto na versão clássica (suryoyo) como na popular (suroyo ou turoyo) bem como músicas sacras e mundanas, danças folclóricas etc. Seus filhos foram às universidades para aprender inicialmente, somente profissões, porém, a segunda geração começou a se preocupar com o aspecto social e político e hoje já existem entre eles pós-graduados, mestres e até pós-doutores em ciências sócias, políticas, história, línguas semitas etc sem contar os que exercem a política profissionalmente, como deputados nas assembléias legislativas desses países. As instituições sociais e culturais promovem concursos e dão prêmios por estudos culturais e sociais (até houve concursos de culinária folclórica), apóiam publicações de livros históricos ou inéditos, subsidiam e promovem a distribuição de discos compactos de músicas sacras, folclóricas, infantis e muitas outras atividades sociais.

No Brasil a imigração ocorreu em diversas etapas diferentes. A primeira foi de 1905 quando vieram os siríacos de uma região da Síria que rezavam em aramaico clássico (suryoyo), porém, falavam somente árabe, era a região de Homs. A segunda leva chegou por volta de 1920 - 30. Dessa feita vieram siríacos, em parte de Tur Abdin, onde o idioma era o aramaico e parte também veio de Homs. Em 1949 chegou o primeiro padre da Igreja Sirian Ortodoxa, padre Mussa Tuma Hakim, sua família imigrara de Tur Abdin para o Iraque (Mossul) onde ele fora ordenado para uma igreja em Basra, cidade na qual se falava somente o idioma árabe. Ao aportar no Brasil, percebeu que a maioria de seus fiéis somente entendia árabe então, passou a orar em aramaico clássico e comunicar-se com o povo em árabe. Entre 1949 e 1958 chegaram os imigrantes vindos da Palestina e de Tur Abdin e todos rezavam em aramaico clássico e falavam o aramaico popular (turoyo). Depois, entre 1970 e 1980 chegava a última grande imigração vinda do Líbano e Síria; também esses rezavam em aramaico clássico e poucos falavam turoyo e ainda todos comunicavam-se em árabe.

Exceto por padre Mussa Tuma Hakim, todos os outros, vieram à procura de melhores condições de vida, fu-

gindo de guerras e perseguições (os de 1920 fugiram do Sayfo, os de 1949/50 da guerra entre judeus e muçulmanos na Palestina-Israel, os de 1957/58 das perseguições turcas de 1955/56 e os de 1970-80 da Guerra entre os muçulmanos e o Estado de Israel).

Padre Mussa Tuma Hakim, tal como outros padres, trouxe consigo seus livros eclesiásticos para realização dos rituais da Igreja (missa, batismo, casamento e exéquias). Os demais, mal fugiram com suas famílias e roupas. Já os imigrantes de 1949-1958 trouxeram alguns livros e procuraram trazer mais de sua terra de origem (Tur Abdin principalmente). Assim também, os refugiados da Síria que aportaram pelos anos 1970-80.

Comparativamente à Suécia, após meio século desde as primeiras imigrações (1970 - 2015) e o Brasil, em 1950, também meio século desde a primeira imigração, havia aproximadamente 51 milhões de habitantes e os siríacos contavam 700 famílias ou, numa média de 8 pessoas por família, contavam 5,6 mil pessoas. Naquela época, havia 2 milhões de habitantes na cidade de São Paulo, onde se concentravam quase 4 mil siríacos. Hoje, em São Paulo, há duas igrejas da comunidade siríaca de Antioquia, com pouco mais de 20 famílias frequentadoras por igreja. Enquanto na Suécia as atividades andam de vento em popa, no Brasil, as comunidades caminham à míngua.

É nítida a desproporção entre Suécia e Brasil (São Paulo).

O que torna mais discrepante a situação, no entanto, é o influxo da imigração “numa única etapa” contra “em diversas etapas de diversas regiões”; enquanto na Suécia todos tinham um fim amplo (diversas atividades culturais e sociais), no Brasil, por muito tempo, o fim era único (construção de igreja) assim, a comunidade dos siríacos no Brasil que recebera os imigrantes bem antes que a Suécia, não levou em conta um planejamento sócio-cultural amplo para uma evolução positiva acelerada; com isso, a própria comunidade, quando se deu conta, percebeu que ao longo do caminho, deixara uma boa parcela de seu patrimônio social e cultural.

As perguntas cujas respostas a comunidade siríaca precisa dar a si própria e também ao Brasil são:

- 1) Há como preservar o que restou do patrimônio cultural e social original?
- 2) Há como recuperar o que se perdeu do patrimônio cultural e social original?

Se a resposta à questão 2 for assertiva então:

- 3) Como proceder para recuperar o que se perdeu?

(a continuar no próximo número)

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

1. *Novo Sacerdote* – Ainda continuamos sem sacerdote na Igreja Santa Maria. O Conselho Deliberativo e a Diretoria Executiva da Igreja Santa Maria estão realizando diversas gestões junto ao Patriarcado Sirian Ortodoxo de Antioquia no intuito de trazer ao Brasil um novo sacerdote para servir a Igreja Santa Maria.
2. *Orações* - Enquanto não recebemos um novo padre para a Igreja Santa Maria, a igreja mantém suas portas abertas nos domingos das 2as e 4as semanas de cada mês, no horário da missa (das 11 horas ao meio dia), para que os fiéis possam fazer suas preces.
3. *Treinos de hinos* - Nesse mesmo horário, a Diretoria Cultural ministrará treinos de hinos da missa de Natal. Os interessados poderão comparecer, realizar uma prece e participar desses treinos. As letras das músicas estarão escritas em letras do alfabeto latino (português) para auxiliar os que possuem dificuldades na leitura de aramaico. . As aulas são gratuitas.
4. *Visita* - Recebemos a visita do Sr. Hanibal Romanos, procedente da Suécia, que chegou a São Paulo em 29 de julho e permaneceu conosco até 7 de agosto de 2015. Sr. Hanibal, jovem de 29 anos, nasceu e foi criado na Suécia, é formado em Ciências Políticas e é neto do famoso professor de música assíria Gabriel Assad. Veio ao Brasil com duas intenções claras: conhecer a pessoa mais idosa do clã Assad que é a Sra. Farideh Assad Maqdasi Elias (viúva do professor Denho Ghatass Maqdasi Elias) bem como demais elementos da família Assad e também para fazer um levantamento das obras das quais dispõe a Igreja Siríaca em SP. Além de visitar a família de Sra. Farideh, visitou padre Gabriel Abdelahad da Igreja de São João em 1º de agosto quando participou da missa naquela igreja e entrevistou o professor e diácono Aniss Sowmy sobre as comunidades assírias da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil. No futuro teremos um artigo sobre o trabalho que Sr. Hanibal desenvolveu durante sua estada entre nós bem como junto às nossas comunidades na Europa.



CULTURA ORIENTAL - A RIMA (1ª Parte)

Dentro da cultura de um povo, é relevante a forma de se expressar, desse povo. Todas as formas que o povo adota para se expressar acabam por moldar o caráter desse povo e há estudos diversos que mostram a evolução do povo pelo tempo através das formas como se expressa.

Vemos então que diversos povos surgiram e desapareceram da face da Terra deixando registros inexpressivos para uma análise posterior. Podemos citar casos de poucos anos atrás; por exemplo, diversos povos aborígenes da América do Sul e daqui do Brasil. Como não dominavam a escultura, a pintura, a arquitetura e nem mesmo possuíam escrita, tudo que se obteve sobre esses povos foi de forma indireta, conseguido pelo contato dos que já estavam bem desenvolvidos nessas técnicas e se esforçaram por registrar o que conseguiam. Basicamente, o interesse inicial era a língua e por isso, há dicionários (vocabulários) dessas línguas autóctones do Brasil e América Espanhola usando letras latinas desde o século XVI; exemplo disso são os primeiros vocabulários dessas línguas registrados pelos padres jesuítas portugueses e espanhóis da Igreja Católica Romana. Ainda assim raros, se não inexistentes, são os registros de poesias; um pouco mais comuns foram os registros das mitologias desses povos.

Contraopondo toda essa situação, há povos que evoluíram nas diversas técnicas e artes e acabaram por se distanciar dos outros povos, pois, dominaram a escrita. Assim foi o caso dos egípcios, dos gregos, dos assírios e outros povos da antiguidade. Observemos que propositalmente foi citada “a escrita” visto ser essa a forma mais imediata de transmitir um conhecimento; se não há escrita o conhecimento pode ser transmitido oralmente e as palavras faladas são efêmeras e depois que passam, o conhecimento será perdido; talvez seja conseguido novamente, muito tempo depois, quiçá nunca.

Se estudarmos a escrita, veremos que ela se divide basicamente em duas formas, a prosa e a poesia. A prosa é a forma direta como o idioma é falado, sem que o autor (ou locutor) esteja preocupado com a sequência de sons ou o efeito psicológico que exercerá sobre o leitor (ou ouvinte); esse efeito, na prosa, é obtido pela lógica, coerência e concisão do texto.

Na poesia, tudo muda. O autor (ou locutor) quer primeiro afetar psicologicamente o leitor (ou ouvinte) através do som e num segundo plano poderá importar-se com a lógica e coerência. A bem da verdade, a poesia era uma tentativa do ser humano em imitar o efeito da melodia da música, simplesmente com ritmo, cesura silábica e rima, quase sem melodia. Prova disso é que desde muitos milênios, o ser humano produziu textos em forma de poemas para serem declamados em alta voz (nunca mudamente) para que se não perdesse o efeito psicológico; com diversas maneiras de se conseguir isso.

As técnicas principais utilizadas foram a divisão silábica igual nas diversas linhas que compunham a poesia (cada linha é conhecida como verso) e a mesma terminação sonora das linhas (versos) conhecida como rima.

Nesse trabalho veremos o surgimento da rima enquanto fenômeno estético e qual o efeito sobre a cultura do mundo oriental e ocidental.

Se olharmos o ambiente da produção de poesias em todos os idiomas que possuíam escrita, desde antes de Cristo, veremos que em nenhum deles havia vestígio qualquer de rima; fosse a língua indo-européia ou ural-altaica ou camita ou ainda semita. Essas famílias de línguas possuíam escritas há pelo menos três e meio milênios e a camita e a semita ainda há mais tempo. As mais antigas escritas por família lingüística eram:

- da família indo-européia, o idioma mais antigo seria o sânscrito (primeiros registros históricos são de 1.100 a.C.),
- da família ural-altaica, o chinês (primeiros registros históricos são de 1.000 a.C.),
- da família camita, o egípcio (primeiros registros históricos são de 3.500 a.C.),
- da família semita, o assírio (já vimos em outras edições que também era conhecido pelo nome de acadiano ou acádio).

Tudo isso sem mencionar o idioma sumério que não cai em nenhuma dessas classificações e é o idioma de

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (1ª Parte)

(continuação)

que se tem o mais antigo registro escrito. O sumério foi um desenvolvimento dos povos autóctones na Mesopotâmia do Sul, talvez, por volta de 8 mil ou 9 mil anos a.C. porém, sua escrita data de 4,5 mil anos a.C, assim como os assírios eram os povos autóctones da Mesopotâmia do Norte, possivelmente daqueles mesmos milênios e cuja escrita data de 4 mil anos a.C.

O que é certo é que no período anterior a Cristo, havia prosa e poesia, todavia esta não possuía rima e nem se quer indícios de rima.

Os estudiosos de literatura das línguas ocidentais debateram-se por muito tempo para tentar traçar a origem da rima, em especial durante o movimento do romantismo europeu, pois esse possuía a tradição e o folclore como um dos principais pedestais de sua sustentação e em geral culminava no ufanismo nacionalista. Ainda que fossem de ordem nacionalista, todos os estudos sobre a origem da rima apontavam sua expressão original para a produção literária provençal dos séculos X e XI conhecida como trovadoresca (Provença é uma região que hoje fica na França).

Os trovadores eram cantores ambulantes que surgiram com o início do movimento das cruzadas e andavam com os reis, príncipes e cavaleiros que saíram da Europa para “resgatar a Terra Santa” do domínio dos maometanos que haviam se apoderado dos países onde Jesus Cristo andara quando nessa Terra.

As trovas que eram as canções, possuíam melodia (música) e composição literária (letra da música), esta, conhecida como *copla* (em alguns escritos são chamadas de *coblas*). Parecia a princípio que havia se originado na Igreja Católica Apostólica Romana e isso deixou os europeus alegres por algum tempo, até que alguns estudiosos espanhóis descobriram que numa região da Península Ibérica, chamada Andaluzia, havia manuscritos em um linguajar misto de árabe e provençal nos quais apareciam trovas com rima. Surgiu então um movimento teórico que apensou a rima à produção literária do idioma árabe e defendia a tese de que foram os mouros que trouxeram com eles a técnica da rima nas poesias.

A invasão da Península Ibérica pelos mouros deu-se no início do século VIII; eles vieram do norte da África (Marrocos e Tunísia) pelo mar, ocuparam a ilha que era um rochedo (Gibraltar) e de lá se organizaram e ocuparam a Península Ibérica. Esses mouros eram muçulmanos da África e falavam uma das línguas camitas, porém utilizavam o idioma árabe para orarem (como todos os muçulmanos são obrigados a rezar em árabe e é proibida a tradução de suas orações bem como do Corão, seu livro sagrado, para outros idiomas) e também para se comunicar oficialmente visto que naquela época, a sua língua camita (o bérbere) não possuía registro escrito.

A outra teoria, no entanto indicava que a Igreja Romana era a origem da poesia trovadoresca e, portanto, da técnica da rima. Visto que desde a antiguidade cristã ocidental, somente alguns dos habitantes dos mosteiros e conventos ou então, somente os filhos da aristocracia, tinham acesso ao estudo, bastava provar que nos cânticos e hinários da Igreja Romana estava presente a poesia com rima e depois seria fácil comprovar a evolução natural da poesia sacra para a laica. Simples assim.

O próximo passo foi a pesquisa nos documentos literários do idioma latino (da Igreja Romana) e do árabe (dos mouros) para rastrear a rima até a sua forma mais antiga e a data em que isso surge pela primeira vez.

A peleja durou pouco, logo a balança pendeu para o lado árabe. Foram descobertos muitos documentos em língua árabe, com métrica e rima, datando do século VII em diante enquanto que os documentos apresentados pelos defensores da origem latina claramente indicavam meras coincidências esporádicas nos finais de versos, não de toda a poesia mas somente dalguns versos e de forma tão esparsa que todos acabaram por aceitar a tese da origem da rima na Europa trazida pelos mouros.

Além disso, os arabistas europeus que havia séculos estudavam o idioma dos árabes e o Corão, revelaram que os escritos mais antigos do idioma árabe eram poesias com métrica e rima. Sempre havia alguns fragmentos, contudo, havia 7 (sete) poemas completos que se chamavam “*al mu’alaqat*” ou seja: “as penduradas” ou “as suspensas”, datados do século VI d.C.

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (1ª Parte)

(continuação)

Segundo alguns estudiosos as *mu'alaqat* eram canções (em árabe: *aghani*) e as letras referiam-se a lutas entre tribos e ao amor do guerreiro-poeta por sua amada; letras essas, guardadas as distâncias de espaço e tempo, comparáveis às *coplas* dos trovadores.

Havia, no entanto um “porém”; como dissemos, eram da era pré-islamismo e por isso, os maometanos referiam-se a essa era como “*jahília*”; ou seja; “da ignorância” pois, todos os muçulmanos supõe que quem não aceita o Corão como livro sagrado e nem seu deus, Alá, está na ignorância e essas *mu'alaqat* precediam o islamismo em mais de 50 anos. O problema aqui é que havia um paradoxo, enquanto a invasão da Europa pelos mouros foi causada pela religião, a literatura levada à Europa pelos mouros era não religiosa, era mundana qual seja bastante laica. Dentro desta perspectiva, encontra-se outro paradoxo; não seria a guerra religiosa islamismo (dos árabes) contra o cristianismo (da Europa) mais uma etapa da guerra entre a forma de vida nômade (dos islâmicos) e a forma de vida sedentária (dos cristãos)? Afinal, os árabes eram beduínos, nômades do deserto e o cristianismo representa a vida sedentária (lembramos que pão e vinho são processos industriais de produtos da cultura agrícola). Outro indício a ser estudado são os temas das *mu'alaqat*, lutas entre tribos e adicionalmente, a tribo é a forma de vida do nômade e não do sedentário, este possui exército organizado que ocupa o espaço e lá se fixa, aquele, o nômade, ganha a batalha, come, bebe e leva o que pode, na maioria das vezes destrói o que sobra ou não consegue carregar e parte para outra batalha, para outro saque.

De qualquer forma, a Europa se contentou com mais essa vitória por ter resolvido o quebra-cabeças da origem da poesia rimada. Foi uma luta árdua de quase um século e meio. Daí por diante, surgiram diversos estudos que tentaram provar que grandes autores da literatura européia tomaram por base, se não plagiaram totalmente, os autores árabes e como exemplo, citam Dante Alighieri (1265-1321) que compôs seu livro mais famoso: *La Divina Commedia* (A Divina Comédia) com base em autores islâmicos que escreveram em árabe, tal como *al-Ghazali* ou *Ibn Muqafa*.

Finalmente o mundo ocidental já podia descansar, havia resolvido mais um enigma histórico da estética literária, o da origem da rima na poesia ocidental.

Podia realmente descansar? Estava o enigma resolvido?



SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

Neste número, diferentemente dos passados, apresentamos um relato da primeira tentativa de invasão na cidade de Ain Wardo (em Tur abdin), conforme compilado no livro de autoria do Professor Jan bet Sawoce, também conhecido como Jan Diarbakerli, durante aquela fase terrível porque passaram os cristãos do Sultano Otomano (atual Turquia) há 100 anos; fase essa conhecida como Sáifo, em aramaico.

O livro foi escrito no dialeto falado em Tur Abdin, conhecido como Turoyo. Trata-se do assírio-aramaico ou seja uma mistura do antigo assírio com aramaico; é a transição de uma forma de falar para outra e que ficou estratificado nas montanhas, lugar de difícil acesso (tal como o português do interior de São Paulo e Minas Gerais que é a forma como os portugueses do século XVII falavam e ficou estratificado em diversas regiões interioranas). Como esse linguajar não possuía escrita, somente era falado no tempo do Sáifo pois a escrita sempre foi com o aramaico clássico (conhecido como *kethobonoyo* na Igreja de Antioquia ou como Edesseniano pelos professores ocidentais da Europa), a partir de 1970 quando houve uma enorme migração de Tur Abdin para a Europa, esses assírios de Tur Abdin passaram a registrá-lo por escrito com as letras latinas conforme aprenderam na Turquia [N.E.: devido a dificuldades intrínsecas ao nosso sistema, modificamos um pouco essas letras].

Interessante é que o linguajar do relator é evitado de termos turcos, quando se trata da hierarquia militar ou administrativa bem como de palavras em línguas ocidentais, palavras essas que não existiam naquela época lá no Oriente (por exemplo: democrática) e também de alguns termos em curdo visto que após o Sáifo, os curdos auxiliados pelos turcos, invadiram Tur Abdin e finalmente, por palavras em árabe pois o relator, após o Sáifo, fugira para a Síria, onde o idioma árabe fora oficializado pelo governo francês, que era o mandatário lá; todavia, todos esses estrangeirismos não passam de 5% a 10% do total usado no relato e é a proporção, até hoje, dessa “intromissão”.

O livro se chama “**Sayfo b Tur’abdin 1914-1915 an noxe kmaḥkēn aydarbo hawi u Sayfo**” que traduzido significa “*Sáifo em Tur Abdin 1914-1915 as pessoas relatam como aconteceu o Sáifo*” e trata dos relatos de pessoas que viveram essa época. Tais relatos orais foram dados ao Professor Bet Sawoce que os gravou em fita magnética, compilou e publicou. Foram 2 edições em 2006 e uma em 2008. Nosso exerto é desta última, de 2008, que possui aproximadamente 270 páginas e o nosso capítulo vai da página 84 até a página 92; dessas, nós utilizamos aproximadamente metade.

São citados os seguintes povos e tribos e vale a pena uma explanação:

- “curdos” - eram tribos iranianas trazidas pelos árabes como mercenários no século IX e acabaram por dominar diversas regiões. O mais famoso dos chefes curdos foi Saladino que derrotou Ricardo Coração de Leão, rei inglês, líder da última cruzada (sec. XIII)
- “kurmanjenses” - eram povos de uma das tribos de curdos, pastores nômades, durante o Sáifo em Tur Abdin.
- “chalquenses” - era o resultado de uma tribo vinda da região do Turcmenistão que se misturou com outras tribos curdas;
- “mehalmenses” - eram assírios cristãos que se desentenderam com a Igreja no século XVII e assumiram o islamismo; alguns deles, entre o século XIX e XX retornaram ao cristianismo, essencialmente de Antioquia
- “siríacos” - são os assírios cristãos que se denominam hoje como: siríacos, caldeus e assírios do leste. Usamos indistintamente o nome siríaco e assírio para todos eles.

No número anterior, foi citado que tanto Ain Wardo quanto Anhel não foram invadidas pelo exército turco apoiando os curdos, por mais que esses dois povos muçulmanos (turcos e curdos) tentassem, durante o Sáifo. Neste número contamos a primeira tentativa das inúmeras que o governo tentara até 1918, em Ain Wardo, todas elas sem sucesso.

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

(PARTE III)

Obs.: Esse livro também fará parte da futura biblioteca da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria em São Paulo e é doação do Professor Jan Bet Sawoce, hoje residente na Suécia. Prof. Jan Bet Sawoce tem feito, à nossa biblioteca, doações sistemáticas de livros e documentos sobre o início do século XX, passando pelo Sáifo e chegando até a metade do século passado. Todos esse livros e documentos são importantes pois relatam também a parte não eclesiástica da história do nosso povo siríaco (assírios, arameus, caldeus) durante o século passado e parte deste século XXI.

Eis a tradução do exerto do Turoyo:

Íwardo / Ain Wardo

Gente das aldeias, salvam-se do genocídio e fogem de montanha em montanha e chegam a Mediat. Contam aos notáveis em Mediat sobre o que está acontecendo nas aldeias. Algumas dessas pessoas também vem a Ain Wardo. Os notáveis de Ain Wardo, rapidamente se movimentam. Começam a pensar sobre a defesa de Ain Wardo e dos siríacos, o que precisa ser feito?

Liderando os administradores em Ain Wardo, há o general Massud Chabo. Originalmente ele viera da cidade de Mezizah. Ele era experiente em lidar com os bárbaros das tribos, conhecia muita gente dos curdos, dos tchalquenses, dos mehalmenses...

General Massud senta e pensa em estratégia militar, engendra sobre a defesa de Ain Wardo, o que ela necessita... Faz contatos com Mediat com as aldeias dos assírios e dos chalquenses como Kharabia, Kiwakh, Kotchane, Taqa, Bjënne, Daywanke, Kavnas.

Num curto tempo, general Massud prepara 700 homens armados. Esses homens armados, vestem roupas (N.T.: subentenda: *iguais aos*) dos kurmanjenses e saem pelas montanhas, salvam as pessoas das caravanas da morte e do genocídio. Trazem-nos a Ain Wardo, derrotados, feridos, famintos e doentes. Eles falam, fazem relatos do que lhes aconteceu (N.T.: literalmente: *caiu sobre suas cabeças*) ao general Massud. Essas pessoas, em sua maioria eram armênios. Conversavam em kurmanji. Nesse momento general Massud ouviu sobre as armadilhas que o povo dos kurmanjenses lhes preparara. Uma das armadilhas (N.T.: subentendia-se "é que"), o governo e seus representantes dão garantia: "entreguem as armas e nada vos acontecerá!".

General Massud senta e prepara uma estratégia para a situação civil. Antes de tudo ele junta os sacerdotes, dá-lhes o dever espiritual. Pede deles que rezem e façam súplicas pelos enfermos, pelos feridos e pelos mortos.

Em junho de 1915, em Mediat o governo prende os Hermez e com eles alguns Ainwardenses. General Massud, rapidamente prepara uma operação de salvamento. Em Mediat, o notável dos siríacos, Hanne Safar, ouve falar da operação, avisa o governo. O governo muda os presos de lugar. General Massud, por isso não pode mais salvar os assírios presos.

6 de julho, quando o Sáifo cai sobre Mediat, as pessoas de Mezizah, juntaram o feno e o gado e vem para Ain Wardo. Em Mediat começa a matança (genocídio).

.....
A matança ainda não chega a Ain Wardo. General Massud envia os homens sob seu comando para apoiar os assírios em Mediat e nas aldeias. Em Mediat o povo resiste em dois locais. Junto com a família Rehawi no Mosteiro de Santo Charbel e o povo que resiste dentro da casa de Adoka (N.T.: Rehawi e Adoka eram duas famílias grandes e "a casa" significa a propriedade da família que era a plantação, o pomar e o curral bem como a parte industrial onde faziam os doces, vinho e/ou os teares; essa parte industrial era comunitária e a família principal deixava que outras famílias pobres a utilizassem). Nas casas da família Adoka há uma saída das águas que passam por baixo do chão e vão até o mosteiro de Santo Abraão. E de

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

CONTINUAÇÃO

Santo Abraão é uma só caminhada até Ain Wardo.

General Massud, organiza um plano com cem (100) homens armados, uma operação para Mediat. Nessa operação, os homens vão se vestir com as roupas dos kurmanjenses. Metade deles vão para Santo Charbel para ajudar as pessoas na casa de Rehawi. Os outros vão à casa do coletor de impostos, o Honorável Afandi. O Honorável Afandi ficava em Mediat, era o coletor em Tur Abdin, ele coletava (N.T.: até o final da 1ª Guerra Mundial, o coletor de impostos, cobrava os impostos, ficava com uma parte e encaminhava ao governo central o que esse impusesse; muitas vezes o imposto não era em dinheiro, era em mercadoria). Quando ele coletava, fazia o povo sofrer muito. Colocou muita gente nas prisões. Envergonhava muitas mulheres (N.T.: - “envergonhar”, além de significar “constranger sexualmente” era a forma delicada que os cristãos diziam dos muçulmanos que violentavam sexualmente as mulheres pois, até hoje, para fazer uma acusação de assédio sexual ou de violentação sexual, a mulher violentada sexualmente ou assediada, mesmo que seja muçulmana, precisa apresentar duas testemunhas que sejam homens perante o tribunal para ter validade sua declaração em um país islâmico; o homem, não, nem testemunha precisa, basta jurar por Alá).

General Massud pediu a seus homens que fossem à casa do Honorável Afandi, pegar o dinheiro que tivesse e o escondessem (N.T.: tirá-lo do meio). Os homens armados chegaram à noite à casa dele, deram tiros de suas espingardas, mataram-no. Entraram em sua casa, pegaram o dinheiro que possuía e vieram a Santo Charbel.

Íssa Zatte, um dos notáveis de Mediat ouve falar da operação, vem e lança mão do dinheiro. Os ainwardenses ficam nervosos e voltam sem nada para Ain Wardo (N.T.: em tese, os ainwardenses deveriam realmente dar o dinheiro ao pessoal de Mediat, pois a casa do coletor ficava em Mediat e essa casa do coletor era a “central de cobrança”). Os de Rehawi também se retiram e vêm para Ain Wardo. Aos poucos Ain Wardo vai recebendo as pessoas. Tornou-se um salva-guarda para muitas pessoas.

.....
Mediat caiu ! Em Ain Wardo, general Massud convoca os notáveis que estão lá, mediatenses e não mediatenses, todos em (na Igreja) São Domingos. Aqui general Massud faz um quadro da situação, aos presentes; deles quer, com espírito democrático e fraterno, que escolham um líder, um administrador. Todos, sem exceção, apontam general Massud, para administrador de Ain Wardo.

Em Mediat, o governo se prepara com as tribos dos kurmanjenses e dos mehalenses para avançar sobre Ain Wardo e Anhel. Azizke da família de Mahmado, o general, avisa o governo central dizendo: “*Todos nós juntos, primeiro avançaremos sobre Ain Wardo. Quando Ain Wardo cair, Anhel não resistirá!*”. O governo central assim decide (N.T.: significando que concorda). Dirige-se com as tribos dos kurmanjenses para Ain Wardo (N.T.: significando que o exército sob o general Azizke e as tribos kurmanjenses dirigem-se a Ain Wardo).

General Massud recebe relatório continuamente de como se movimentam e que força possuem ao ataque (N.T.: subentenda os inimigos dele). Os tchalquenses lhe trazem as notícias. E também a logística de Ain Wardo; a pólvora às armas vem das aldeias dos tchalquenses (Kharabia, Kiwakh, Kotchane, Taqa, Bajënne, Daywanke e de Kavnas). Sobre os carregamentos da logística, general Massud recomenda aos tchalquenses. “*Trazei-nos à noite, depositem tudo nas cavernas sob Ain Wardo.*”.

Veio o primeiro ataque sobre Ain Wardo. O exército do governo e as tribos dos kurmanjenses estão juntos. General Massud, chamou para junto de si um mediatense. Este entendia o toque de corneta do exército. Disse-lhe: “*Logo que tocar a corneta, tu me dizes o que é?*”

Ain Wardo se prepara. Mulheres e homens, crianças e adultos farão a defesa para que os atacantes não entrem em Ain Wardo. General Massud, deu a ordem “*Até que eu não grite ´fogo` ninguém pode dar um*

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

CONTINUAÇÃO

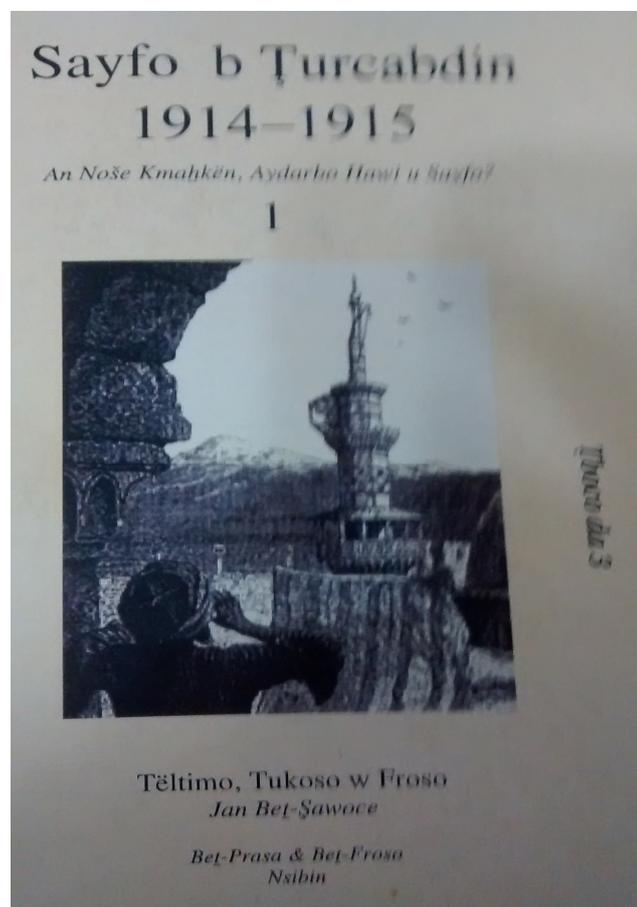
tiro se quer, de sua espingarda.”

Em Ain Wardo havia um bispo chamado Ablahad, era de Kafro Elaito. De dia, dentro de São Domingos, ele prega ao povo. E disse-lhe: “Ó assírios fiéis cristãos! Os muçulmanos, de todos os lugares, estarão nos assaltando. Cada um de vós vale por cem e até por mil deles! Pela força de Nosso Senhor vós os derrotareis. O Espírito Santo esteja sobre todos vós! Ele será a luz que diante de vós iluminará! Defendei vosso povo, a honra de vosso cristianismo e de vossa santa terra! Nenhum de vós deverá abaixar a cabeça perante o ataque contra a cristandade! Rezou e depois foi e subiu sobre as costas de São Domingos. Lá, em jejum, implorava e gritava para São Domingos que viesse ao socorro de seu povo. Levantou-se o moral das pessoas e entre eles começou a circular a palavra de que “São Domingos está conosco!”

Bispo Ablahad, duas semanas, nem comida e nem líquido colocara em sua boca. Os ainwardenses trouxeram o estandarte do exército, mostraram ao bispo e lhe disseram como derrotaram o exército e tomaram o estandarte, ele ficou contente. Disse-lhes “*Trazei para cá, queimai-o!*” Depois que queimou totalmente o estandarte, o bispo entregou sua alma a Seu Senhor.

O ataque sobre Ain Wardo foi muito violento. Um mês de dias, toda noite havia ataque sobre Ain Wardo. Aconteceu que encabeçando os atacantes havia o grande cheique Ahmad, general de Awena. Esse trouxera os assassinos de toda a tribo consigo. Em Mediat eles decaptaram os homens aos milhares. Ele quer repetir o mesmo em Ain Wardo. Jurara que se assim não fizesse, volta para casa não haveria.

À noite, com o toque da corneta eles atacaram Ain Wardo. A tática militar de general Massud, “*Deixai-os, que se aproximem de nós!*” Aproximaram-se os atacantes então ele soltou o fogo sobre eles. Foram quebrados. (N.T.: subentenda-se: “os atacantes foram derrotados”)



Oração pelos mártires cristãos

*Ó Mártires que perante
As vãs superstições,
Não queimastes incenso;
Os reis tiraram suas coroas
E reverenciaram vossas relíquias;
E o doce olor de vossas mortes
Tal como aromas exala.
Não entrastes sozinhos,
Ó Mártires, na arena,
Pois Vosso Senhor
Convosco entrou
E a vossa vontade encorajou
E quando viu
Vosso sincero amor,
Respeitou e exaltou
Vossas memórias!*

PALAVRAS DA BÍBLIA - SALMO 32

لَهُدَّوِيهِمْ كَفَىٰ؟ أَلَمْ جَمِّ كَيْفَ حَقَّ حِدَهُ وَابْتَصَبِي حَيْثُ سَلُّوهُ يَوْمَ:
 لَهُدَّوِيهِمْ حَجًّا: إِنَّمَا وَلَا تَسْعَبُ حَيْثُ مَدِينًا سَلُّبًا. هَكَذَا تُجَلِّ حَكْمَهُ:
 مَلُوكًا وَمَلَكًا حَكِيمًا تَتَمَّ كَيْفَ نُومَرِ يَوْمًا تَمَلُّ فُكْرَهُ ❖
 مدمهزا وابت

UM TEMPO A DEUS

لا مَقْبُوحِي إِسْمًا حَرِيحًا
 أَسْمٍ وَمَقْبُوحِي حَرِيحًا
 هَلَا وَتَسْمِي مَقْلًا وَحَلَا
 أَسْمٍ مَقْلًا فَحْتَهُ
 مَحْمِي رَحْمَةً هَدْمًا
 وَيَوْمَ مَدِينًا حَرِيحًا هَدْمًا
 هَدْمِي فَوْعًا حَلَا مَقْلًا
 هَلَا حَرِيحًا هَلَا مَقْلًا
 حَلَا مَقْلًا لَحْمًا ❖
 مدمهزا: مدمهزا. مدمهزا

PALAVRAS DA BÍBLIA - 2ª CARTA DE S. PEDRO - CAP. 1º

هَذِهِ يَوْمَ أَوْ قَبْلَ مَقْلًا فُكْرَهُ مَدِينًا أَسْمًا مَدِينًا وَهَذَا. كَيْفَ يَوْمَ
 مَدِينًا وَهَذَا. كَيْفَ يَوْمَ مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا. كَيْفَ يَوْمَ
 مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا. كَيْفَ يَوْمَ مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا. كَيْفَ يَوْمَ
 هَذِهِ يَوْمَ أَوْ قَبْلَ مَقْلًا فُكْرَهُ مَدِينًا أَسْمًا مَدِينًا وَهَذَا. كَيْفَ يَوْمَ
 مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا. كَيْفَ يَوْمَ مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا. كَيْفَ يَوْمَ

مع لَمَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا مَدِينًا

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

ܠܝܐܘܪܝܢܐ - ܕܥܝܪܐܢܐ

Ciwardo / Cayn-Wardo (Suryoye 73)

Noşe maq qeryawoto, kmaxlêşi mu qaṭlo w kmaxzêmi ṭuro ṭuro w koṭên I Mëdyad. Kmaxhken lar rabe b Mëdyad, cal u mede d kowe ba qeryawoto. Hên man noşani koṭên I Ciwardo ste. Ar rabe d Ciwardo, xaifo ksaymi harake. Kbodên kmêftakri, lu dëfoco d Ciwardo w das seryoye, mên klozêm?

B rişe dam mdabrone b Ciwardo, kito rab-haylo Mascud Şabo. Bu aşel mi qriṭo dë Mzizaḥ'yo. Këtwole tajrube mi barbariye dac caşeryoto, udacwo I ġalabe noşe dak kurdoye, daç çalkoye, dam mħalmoye...

Rab-haylo Mascud, kyotêw ksamle strateji caskari, këmbawëb, Ciwardo, lu dëfoco, mên kluzamla... Kmaşer esore cam Mëdyad cam aq qeryawoto das seryoye w daç çalkoye, xêd Xarabya, Kiwax, Koçane, Taqa, Bjênne, Daywanke, Kavnas.

B zabno karyo, rab-haylo Mascud, këmhädêr 700 gawre mşalhe. Ag gawre mşalhani, lwişe b jule d kurmanj w knêfqi laṭ ṭurone, kmaxlêşi an noşe maq qaflat du mawto w du qaṭlo. Kmanṭanne I Ciwardo ṭwire, jrihe, kafine w kayiwe. W kmaxhken aḥ hkeyat d aṭi b qarçayye I rab-haylo Mascud. An noşani di aġlabiye armênoye wayne. Mezġêliwo b kurmanji. Harke rab-haylo Mascud, şamêc laf fahe di dawle w dak kurmanj d sëmme lënne. Ha maf fahe, i hkume w an noşayda kobi baxto, msale-mullan uşilah w mede lê koṭe b qarçayxu'we.

Rab-haylo Mascud, kyotêw këmbawëb strateji laşan i hale sivil. Bi qamayto kmaltêm ak kuhne, kuballe i wadife ruhonayto. Kṭolêb mênayye dë mşalên w d docên lak kayiwe, laj jrihe w lam miṭe.

Bë hzirên 1915, b Mëdyad i hkume khêbso ah Hërmëzyie w ac cmayye ste hên ciwarnoye. Rab-haylo Mascud, xayifo këmbawëb camaliye du têxlişo. B Mëdyad, u rabo das seryoye Hanne Safar, kşomêc bi camaliye, këmxabêr i hkume. I hkume këmgayro dukte daḥ hbişoye. Rab-haylo Mascud mawxa lê kqodêr d maxleş aḥ hbişoye seryoye.

6 b tamêz, i naqqa dë mḥe u Sayfo b Mëdyad, an noşe dë Mzizaḥ, maltamme u sawal w i baqro w koṭên I Ciwardo. B Mëdyad kbode u qaṭlo.

Heş u hroşo laṭi cal Ciwardo. Rab-haylo Mascud, këmşadêr ag gawre d taḥt ide d sundi as seryoye b Mëdyad w baq qeryawoto. B Mëdyad an noşe, këmqawmi b tarte dêkoṭo. Bë Rhawi, bi Dayro d Mor Şarbel w an noşe d caşên bi dêrto bë Cadoka. Bab bote dëb Cadoka kito femo dax xişe d koṭên taḥt mi arco li dayro d Mor Abrohom. W me Mor Abrohom halxo I Ciwardo.

Rab-haylo Mascud, sëmle bëwëbto cam mo (100) gawre mşalhe, camalyie I Mëdyad. Bi camaliyate, ag gawre gëd luwşi jule dak kurmanj. Falgayye gëd êzzên I Mor Şarbel gëd mcawni an noşe bë Rhawi. A hrene gëd êzzên lu bayto du taḥsildar, Şarif Afandi. Şarif Afandi b Mëdyad faşwo, u haşlo di dawle bu Ṭuro, huwwe maltamwole. I naqqa d maltamwo u haşlo ġalabe mcadabwo an noşe. Maḥêtwole ġalabe noşe baḥ ḥabsat. Mbahdewole ġalabe nişe.

Rab-haylo Mascud, abêc man noşayde, d êzzên lu bayto d Şarif Afandi, d maydi u kalla d kêtê w tulalle mi holo. Ag gawre mşalhe, maṭên b lalyo lu baytayde, mħalle buġre dat tfêngat bu baytayde, qṭêlle. Cabiri lu baytayde mëdde u kalla d kêtewole w aṭên I Mor Şarbel. Cisa Zatte, ḥa ma rabe d Mëdyad kşomêc bi camaliye, koṭe w kmaxhêt ido cal ak kallat. Ac ciwarnoye kmêqchori w kducri xalye I Ciwardo. Bë Rhawi ste d mëgroşi w koṭên I Ciwardo. Ciwardo ha ha kuṭela noşe. Hawyo dukto di şêṭra I ġalabe noşe.

Nafilo Mëdyad. B Ciwardo, rab-haylo Mascud, kmaltêm ar rabe d kito, mëdyoye w ġer mëdyoye kulle b Mor Heşşabo. Harke rab-haylo Mascud kobe şêrto cal i hale, laḥ ḥadire. W kobêc mênayye, b ruho dimuqraṭayto aḥayto dë mnaqanne rişo, mdabrano. Kulle dlo muxalafe, ksaymi rab-haylo Mascud u mdabrano b Ciwardo.

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

سوريه كاتوليك - سايو

B Mēdyad i h̄kume kēmhadro ruha cam ac cašeryoto dak kurmanj w dam m̄halmoye d hujmi cal Ciwardo w cal Anh̄el. Cazizke dēb Mahmado u aḡa, kmašēr cal i h̄kume, w komēr: *Kulan cam hdode, bi qamayto cal Ciwardo gēd ēzzano. Mēd nafilo Ciwardo, Anh̄el lē kfayšo mede. I h̄kume hawxa ksaymo. Kobo foṭa cam ac cašeryoto kurmanj l Ciwardo.*

Rab-haylo Mascud kētle xabro aydarbo kmiharēk w mēn quwwe kētle lu dēzmēn. Ač čalkoye kamṭalle aṭ ṭe-be. W u lojistik l Ciwardo; mu barud w lu šilaḥ, maq qēryawoto dač čalkoye (Xarabya, Kiwax, Kočane, Taqa, Bajēnne, Daywanke, u mē Kavnas) koṭe. Aṭ ṭacne du lojistik, rab-haylo Mascud mawšele lač čalkoye, “*Blalyo amṭawulle, maḥetulle bam mcare d taḥt me Ciwardo*”.

Aṭi u hjomo qamoyo cal Ciwardo. Caskar di h̄kume w cašeryoto dak kurmanj cam hdode. Rab-haylo Mascud, mēdlele h̄a mēdyoyo l gabe. Hano kfohēm um diyoqo du borizan di caskariye. Mēriele “*Bas d doyēq u borizan, marli cal mēnyo?*”

Ciwardo, m̄hadarla ruha. Niše w gawre, nacime w rabe gēd mdaḥci lašan u dēzmēn dlē cobēr l Ciwardo. Rab-haylo Mascud, huwle i parola “*Hul dlē umarno ḥhawu`nošo, buḡro lē kowe d marfe mi tfengayde.*”

B Ciwardo kētwo hasyo Ablaḥad, mi Kafro Clayto. Bimomo b gawe d Mor Heššabo krēzle cal an noše. W mērielelēn: “*Ya šuroye mhayēmne! I ṭayoto me kul dukṭo, mšalto aclayna. Kul ḥa manxu, barbar d mo w alfo manne hatu! Bu haylo d Moran gēd tawritunne. I ruḥo qadēsto huwyo cal kulxun! Hiyya huwyo u nuhro manhērono b qamuṭayxu! Dafecu cal u camaṭxu, cal u namus di šuroyuṭaṭxu w du caḥraṭxu u mqadšo! Nošo manxu, lē kowe d koyaf qarce qēm du dēzmēn di šuroyoto!*” Mšalele w bēṭēr azze salēq l ḥaše d Mor Hēššabo. Tamo, šayomo kdoce w kqore l Mor Hēššabo d oṭe laf u camayde. An noše, mēdde moral w karēx baynotayye u mamro d “*Mor Hēššabo acmaynayo!*”

Hasyo Ablaḥad, tre šabe lo muklo w lo štoyo lē maḥētle b feme. Ac ciwarnoye, amṭalle u sanjaq di caskar, maḥwalle lu hasyo w mēralle aydarbo ṭwērre i caskar w mēdde u sanjaq mena, fših. Mērielelēn “*Tawu l quli, mawqedulle!*” Bēṭēr mēd yaqēd u snajaq, u hasyo msalamle ruḥe lu morayde.

Aṭi ḡalabe hjomo cal Ciwardo. Yarḥo d yawmoto, kul lalyo hjōmo kowe cal Ciwardo. Atholo b rise dah hajome kito u šex rabo, Ahmad Aḡa dē Cwena. Amṭele aq qašobe di cašerto kulle acme. B Mēdyad manḥarle ban alfowat gawre. Kobēc nafs du mede d samle b Ciwardo ste. Ymele, dlo hawxa soyēm, dcoro lu bayto lē kdōcēr.

Blalyo, cam u diyoqo du borizan hajimi cal Ciwardo. U taktik caskari d rab-haylo Mascud, “*Ṭrawunne, tro mḡarwi lafelayna!*” Mḡarawwe ah hajome w marfe nuro aclayye. Twiri.